

QUANDO A SEXUALIDADE PICHA, ALÉM DOS CORPOS, PAREDES DE BANHEIROS ESCOLARES

Dhemerson Warly Santos Costa¹
Carlos Augusto Silva e Silva²

Resumo: Buscamos com este ensaio fomentar discussões sobre a sexualidade na escola através de pichações encontradas nos banheiros de uma escola de Ensino Médio situada da cidade de Altamira/PA. O que pode as pichações de um banheiro? Que sexualidades estão sendo produzidas, não apenas nas imagens, mas, ainda, nos corpos dos alunos? Que atravessamentos ressoam dos/nos corpos, dos/nos banheiros, da/na escola, da/na vida? São perguntas que latejavam muito mais do que algumas respostas, porém, escavam experimentações de outros sentidos por um professor de Biologia em constante (de) formação que se aventura não mais por laboratórios ou aulas de campo, mas em pichações, banheiros e suas reverberações na sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade; filosofia da diferença; pichação.

Abstract: We are looking for with this essay to foment discussions about sexuality in school through graffiti found in the bathrooms of a secondary school located in the city of Altamira / PA. What can graffiti from a bathroom? What sexualities are being produced, not only in the images, but also in the bodies of the students? What crosses resound from the bodies, the bathrooms, the school, the life? These are questions that throbbed much more than a few answers, but they dig into trials of other senses by a professor of biology in constant deformation who ventures no longer through laboratories or field lessons, but in graffiti, toilets and their reverberations in sexuality.

Keywords: Sexuality; philosophy of difference; graffiti.

Walter Benjamin, sempre dizia que “para se conhecer uma cidade é preciso se perder nela” (BENJAMIN, 2006, p. 167). A vista disso, aproprio-me destas palavras para me perder nos movimentos singulares de uma escola pública, uma pequena fração que compõe a cidade de Altamira-PA. Guardado em meu bolso, carrego o celular, e acoplada a ele a câmera fotográfica, com o intuito de registrar o movimento dos corpos que transitam por aqueles corredores. A cada *flash* roubo para mim um novo encontro, olhares perdidos e curiosos, cores que se misturam na lente da câmera.

Enquanto caminho, de *flash* em *flash*, percebo que as paredes estão pichadas, grifadas com palavrões, recados, nomes, ameaças, desenhos... Começo a seguir esses rabiscos como se fosse um mapa capturando cada novo traço, até que, percebo-me parado diante de duas portas, dispostas lado a lado, codificadas com dizeres: masculino do feminino. Em nada me chama a atenção a classificação dicotômica, mas, sobretudo, as pichações que diferem dos demais cantos da escola, falam de sexualidade. Aquelas portas de forma alguma me convidam a entrar. É certo que as estranhei, e, por essa razão, entro.

Busca-se com este artigo fomentar discussões sobre sexualidade na escola através de pichações encontradas nos banheiros de uma escola de Ensino Médio situada da cidade de Altamira/PA. A pesquisa caminha a partir de leituras com os teóricos da Filosofia da Diferença:

¹ Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica. E-mail: dhemerson-santos@hotmail.com.

² Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica. E-mail: carlos.s02@gmail.com.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, que nos ajudaram a mobilizar o pensamento, tendo como lócus os banheiros de duas escolas públicas da rede estadual de ensino médio da cidade de Altamira/PA.

1. Sexualidade na escola: reverberações de uma ciência maior

A escola é povoada por uma multiplicidade de modos de ser e estar no mundo, os n' sexos em produção, circulando pelos corredores da escola... Sexualidades que, apesar dos inúmeros esforços para serem silenciadas... Gritam! São vozes abafadas que se expressam através de trajes, olhares, sorrisos, palavras, gestos, desenhos, rabiscos, grafittis, pichações... Um mar de (im) possibilidades!

Contudo, a escola permanece inerte frente às possibilidades de um corpo, as potências que o atravessam, ao desejo que o movimenta e o embaralha. Há nesse espaço uma recusa em pensar a sexualidade para além da sua função reprodutora biológica, negligenciando as diferenças e produções estéticas criadas na escola.

A sexualidade é uma temática transversal no currículo escolar, isto é, ela pode ser trabalhada em conjunto por todas as disciplinas. Altmann (2001) explica que no Brasil, o assunto torna-se pauta de discussão na escola por volta da década de 1930. Contudo, foi através da criação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que a sexualidade se consolidou no currículo escolar como forma de orientar as crianças e os adolescentes sobre a saúde do corpo.

Entretanto, os PCNs quando abordam a temática sexualidade, quase sempre é no sentido de limitar a sexualidade que atravessa esse corpo, vinculando-o às concepções científicas da biologia, ou seja, o corpo é posto, único e exclusivamente, como máquina reprodutiva, cuja função é “se multiplicar” e povoar a terra, para assim garantir o sucesso evolutivo da espécie. Tal máquina de reprodução precisa ser “vigiada” para não contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) e/ou uma inesperada gravidez (SANTOS; BRITO, 2016).

Tais lentes biológicas de conhecimentos produzem discursos através dos seus preceitos racionalizantes, que buscam sistematizar a sexualidade ajustando condutas aos corpos, condensando a sexualidade numa perspectiva meramente biologizante-medicinista-higienista, a qual enxerta os currículos escolares, predominando explicações anatômicas e fisiológicas.

Os saberes biológicos acerca do corpo na escola foram seguindo um pensamento arborecente. Através de um eixo central e suas respectivas dicotomias. Uma árvore recheada de frutos chamados classificações e definições, formando alunos que pensam a partir da cognição ou representação³, pois “o pensamento deve estar de acordo com as coisas, com a realidade; o pensamento não pode, jamais, virtualizar, criar... Em nome da ordem, a opinião quer proteger-nos do caos, fugindo dele” (GALLO, 2003, p. 60). Um pensamento que se baseia em procedimentos, métodos, certificações científicas que se tornam verdades absolutas, pois:

Sabemos que o projeto moderno constituiu-se em torno da construção de um método “universal” para a produção do conhecimento. Em termos filosóficos, essa busca se inicia com Descartes e com a defesa da universalização do método matemático e termina (se é que terminou)... Nesse contexto, assistimos à emergência e à consolidação da lógica disciplinar, implicando num determinado

³ No livro diferença e repetição Deleuze nos conta sobre um pensamento que dominou a sociedade, um pensamento pela representação, uma imagem que ele denomina de moral, ligada a o senso comum, com seu correlato cognição, e/ou o comprometimento do pensamento com a busca de verdades universais e atemporais. Esta representação universal está fundada em um pressuposto no qual o pensador, de antemão, possui uma "boa vontade" de conhecer as coisas, sendo que esta boa vontade é precisamente aquilo que lhe garantiria um exercício natural do pensamento. Deleuze, todavia, nos convida a pensar sem imagens, um pensamento com o fora, um pensamento que somente será possível se relacionado com o ato inventivo.

modelo de produção dos saberes e numa certa lógica da pesquisa. Parece-me que um dos pontos centrais de tal lógica disciplinar é a busca, a um só tempo, de uma **objetividade** e de uma **universalidade** do conhecimento, para que o mesmo possa ser reconhecido como válido e verdadeiro. A produção do conhecimento na modernidade foi marcada por esses princípios... (GALLO, 2006, p. 556)

Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs* (2012) conceituam essa produção científica como uma “ciência maior”, também chamada pelos autores como ciência régia ou imperial, a qual provém de proposições oriundas do método científico, onde “para conhecer, é preciso isolar o objeto, fragmentando-o, atingindo suas partículas últimas para melhor estudá-lo e compreendê-lo, ou seja, parte de um modelo cartesiano de decomposição” (DUARTE; TASCHETTO, 2012, p. 96).

Destarte salientar que este método científico incumbiu-se da missão de organizar, classificar e ordenar o corpo biológico, sempre em uma escala crescente, do menor ao maior, das bordas ao centro, do simples para mais específico, compartimentando-o em sistemas, fragmentos.

Moléculas, Genes, Tecidos, Órgãos, Sistemas, Organismos... um corpo... Um corpo dividido, também ou talvez, em cabeça, tronco e membros... Um repertório orgânico, que concebe em si verdades, universalizações, subjetivando corpos para enquadrá-los numa única forma de ver, sentir e vivenciar seus próprios corpos e, também, o do outro.

Assim, respaldada sob os pilares rígidos do método científico, estas Ciências ditas “maiores”, acabam por provocar generalizações, bifurcações... Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Fêmea. Binarismos impostos pela ciência régia que congela um possível abalo do sexo. Restringindo-o apenas para procriação e explicações biológicas.

Mas, e as forças que atravessam este corpo da biologia? A sexualidade também não faz parte deste corpo? O que fazer quando a sexualidade sucumbe os corpos orgânicos? Seria essa Ciência Régia/Maior/Imperial capaz de responder tais indagações?

2. Pichar para não morrer

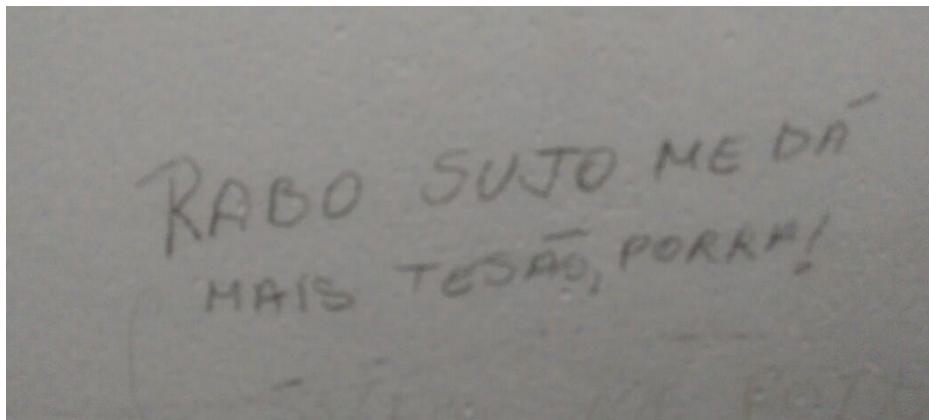


Figura I – Fonte: do autor

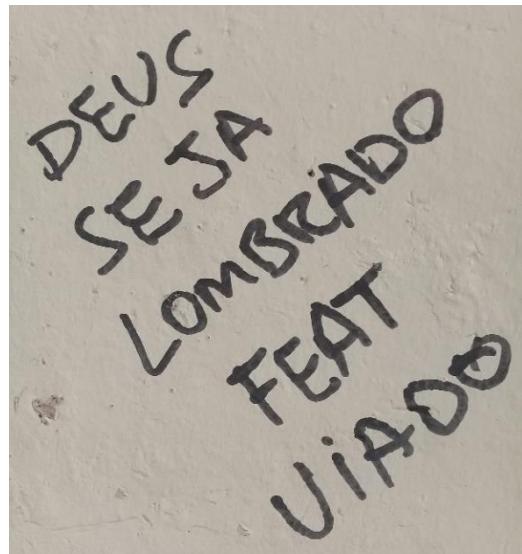


Figura II – Fonte: do autor



Figura III – Fonte: do autor

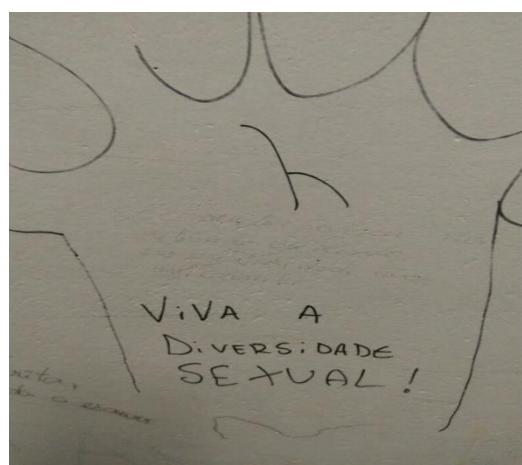


Figura IV – Fonte: do autor

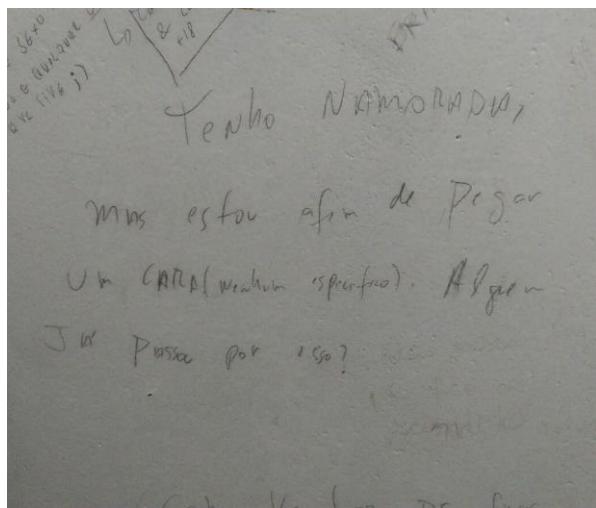


Figura V – Fonte: do autor

3. Traçando linhas de fuga na escola

Apesar dos inúmeros esforços em disciplinar os corpos que transitam pela/com/contra a escola, estes inventam modos de resistência, escorrendo, percorrendo e desdobrando-se dentro e fora dos recantos escolares... Salas, corredores, cozinhas, diretorias, bibliotecas, muros, ruas... Neste contexto, o banheiro se destaca como um, dentre os tantos existentes, e, sendo assim, é utilizado pelos alunos/pichadores desta pesquisa como produção de rebeldia. Nas paredes, produzem-se pichações, pinturas, rabiscos, manchas, palavra/s/ões, diálogos... Uma infinidade de formas, tamanhos e cores.

As pichações são artefatos bastante comuns nos banheiros das escolas. Sperling (2009) explica que as pichações nos banheiros escolares configuram-se como uma válvula de escape pela qual os alunos expressam seus anseios, medos, desejos e preocupações. Elas costumam revelar os pensamentos que são produzidos pelos alunos, sendo estes também influenciados por conjecturas que os rodeiam, fazendo-os produzirem opiniões, posicionamentos e possíveis práticas.

Neste estudo, as pichações parecem ser operadas por linhas de fugas. Uma forma de escapar do sistema dominante escolar que, incansavelmente, busca aprisionar os corpos nas grades de um moralismo castrador. Assim, as pichações nada mais são do que uma forma de experimentação, de criação, uma invenção da sua sexualidade, uma micropolítica ou política molecular.

Na sociedade é possível identificar a noção de concentração de poder em determinados segmentos, muitas vezes ligada às malhas restritas de um tecido social. Tal tendência pode ser vislumbrada nos próprios discursos que atravessam a esfera estatal, cujos agentes possuem todo o monopólio para exercê-los. É seguindo na contracorrente deste pensamento linear do poder, que a concepção de micropolítica emerge. O conceito pretende fissurar a noção de poder estrito, abrindo possibilidades de ramificação e penetração nos movimentos singulares da vida, tal como a multiplicidade (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Nesta esfera de pensamento, a sexualidade é um campo de disputa na sociedade, os agentes estatais, vestidos sob o manto da ciência, não cessam de impor sobre ela, em especial a escola, seus regimes de verdade, poder e saber. Todavia, a sexualidade, ainda que enclausurada, disciplinada e dogmatizada, resiste à dominação, inventando outros modos de experimentação da vida, elevando o corpo à máxima potência da existência. Na escola, a sexualidade escapa dos livros de didáticos de ciências e/ou biologia, escorrendo pelos corredores, salas, e os banheiros. Este último funciona como um mapa, nele é possível analisar toda uma micropolítica

da sexualidade que está para além do saber biológico, uma sexualidade outra que acontece, engendrando, penetrando e se enraizando nos pequenos movimentos da vida.

Segundo Deleuze e Guatarri (2012, p. 92) “Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem”. Esses segmentos que nos compõem influenciam em nossas ações cotidianas: trabalhar, estudar, habitar, pichar, rabiscar... Esta segmentaridade se dá pela ordem da binaridade (homem-mulher, macho-fêmea), exercendo forças sobre as relações, fabricando formas de ser e estar no mundo.

Somos segmentados por linhas. Nesse sentido, Deleuze e Parnet (1998) explicam que existem três espécies de linhas que segmentarizam a vida: as linhas molares, moleculares e de fuga. A primeira linha é a molar, cuja segmentaridade é dura. Refere-se aos modelos binários, aos códigos sociais que objetivam e significando a vida a partir de um arcabouço de modos únicos de agir. É por meio desta linha dura que a escola opera, engendrando a sexualidade dentro de um padrão binário, reproduutor, higienista, respaldado pelo aporte teórico de uma ciência régia, que nega as potências experimentativas do corpo.

A segunda linha é a molecular, sua segmentaridade é um tanto quanto mais flexível que a primeira, contudo, ainda que sejam mais maleáveis, suas variações, desvios, operam por movimentos imperceptíveis. Os movimentos moleculares podem tecer fios em uma sala de aula, emaranhando conexões maleáveis que circundam uma sala de aula, como os questionamentos, mas não nos enganemos, o fio que tece essa teia é inexoravelmente singelo, seus movimentos chegam a ser imperceptíveis.

Já a terceira linha é a correspondente às linhas de fuga, e nela que está as possibilidades inventivas, criadoras de resistência. É através das linhas de fuga que os alunos inventam mundos possíveis para viver sua sexualidade, resistindo a toda a forma de dominação que atravessam a escola, os regimes de verdade e os jogos de poder. É nesse ponto que as pichações agem como linhas de fugas, um modo de viver a sexualidade para além do discurso biológico, religioso e social, libertando o corpo das amarras, um corpo que é experimentação e está em conexão com o fora. O movimento é imanente, não tem um percurso linear, o trajeto é sempre indefinido arrastando as cores, os sons, as vibrações, os afetos da potência dos encontros.

Deleuze e Guattari (2012) explicam que essas linhas não estão separadas umas das outras, pelo contrário, elas constituem um rizoma, passando umas pelas outras, conectando-se, transformando-se. Essas três segmentaridades percorrem tanto o campo da macropolítica como da micropolítica. Schneider (2014, p. 10) descreve que “Macro e micro diferem-se pelo tipo de natureza de cada dimensão. São tomadas pelos tipos de conexões que estabelecem, pelas proliferações que promovem, pela política que exercem”. Logo, algumas linhas tendem a emparelhar-se mais com uma determinada política do que outra. Nesse sentido, as linhas moleculares, são mais frequentes na micropolítica, buscando escapar dos modelos definidos, dos códigos sociais, das proibições.

As pichações registradas nos banheiros escolares, portanto, foram operadas por uma micropolítica, criações que almejavam borrar os sistemas disciplinares. São criações imagéticas que não querem representar algo, mas, sobretudo levantar vôo dentro da escola, e, quem sabe, romper com as prisões de uma sexualidade castradora.

4.

O que pode as pichações de um banheiro? Que sexualidades estão sendo produzidas, não apenas nas pichações, mas, ainda, nos corpos dos alunos? Que atravessamentos ressoam dos/nos corpos, dos/nos banheiros, da/na escola, da/na vida? São perguntas que latejavam muito

mais do que algumas respostas, porém, escavam experimentações de outros sentidos por um professor de Biologia em constante deformação que se aventura não mais por laboratórios ou aulas de campo, mas em pichações, banheiros e suas reverberações na sexualidade.

Referências

- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DOTTA, L. T. T. *Representações sociais do ser professor*. Campinas: Alínea, 2006.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.
- DUARTE, C. G; TASCHETTO, L. R.. Fabulações sobre a Etnomatemática na perspectiva da Filosofia da Diferença. In: HENNING, Paula Corrêa (Org.). *Cultura ambiente e sociedade*. Rio Grande, RS: FURG, 2012. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, v. 6. p. 64-85.
- GALLO, S. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercuções na produção de conhecimento em educação. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 3, p. 551-565, 2006.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- SANTOS, H. S. S; BRITO, M. de R. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016.
- SPERLING, C. *Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafites de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre*. Trabalho de conclusão de curso de especialização - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.